

O ENCONTRO COM A PALAVRA DO OUTRO

Interação verbal com um estatuto particular, pois a própria designação implica a priori um confronto de opiniões, uma argumentação e diversas estratégias para convencer ou seduzir, no dizer de R. Vion, o debate apresenta-se como uma interação simétrica e é "lieu de tous les dangers. Apparemment les deux protagonistes occupent des places comparables et peuvent également prétendre l'emporter (...). Version moderne du mythe médiéval du tournoi, le débat trouve son point culminant dans la vie politique avec le duel qui, dans certains pays, oppose les deux candidats restant en lice lors de l'élection présidentielle".

Este "duelo" precede a investidura política do candidato vencedor e a sua arma é a palavra. Ao debate eleitoral, interação que se torna "espectáculo" e na qual cada um se esforça por ser o melhor, é hoje efectivamente conferido um papel importante na escolha do Presidente da República Portuguesa. Cado o efeito que tal prestação mediática exerce sobre o grande público, mesmo sobre aquele que não assiste

Os participantes são, obviamente, os candidatos à Presidência da República e o auditório está, na sua larga maioria, ausente. Não diremos exclusivamente ausente pois, seguindo os princípios defendidos por Bakhtine, consideramos que os participantes, tal como os moderadores, são parte integrante e essencial do Auditório. Auditório esse cuja organização é determinante, como aliás em qualquer outra situação de comunicação. É que o discurso individual, assumindo aí plenamente o seu estatuto dialogal e dialógico, constitui-se em relação à palavra do Outro e em função dela. Retomar, refutar, desvirtuar, subverter, desconstruir são palavras de ordem, que talvez nem cheguem sequer a ser plenamente consciencializadas mas que regem uma interação em que cada enunciado proferido é determinado pelo discurso do Outro e alvo de processo de desqualificação junto do Auditório opaco e ausente - o eleitorado - que se pretende seduzir, influenciar, convencer, para desse modo agir sobre o resultado final da votação.

O encontro com a palavra do Outro assume deste modo uma importância muito grande, pois o "brandir da arma" tem um efeito externo, uma vitória ou uma derrota, o primeiro passo para a consagração ou o franquear de um caminho que conduz ao desaparecimento da cena política e, por esse motivo, ao esquecimento. Esse "encontro" aborda-lo-emos segundo três perspectivas que nos parecem pertinentes e significativas no discurso político eleitoral:

- a relação entre o locutor (candidatos à Presidência da República) e o Auditório ausente (telespectadores)
- a polifonia enunciativa existente no discurso dos participantes do debate
- a percepção/ interpretação/ avaliação do discurso do interlocutor que é destinatário em simultâneo

1. Relação entre o locutor e o Auditório

Examinemos em primeiro lugar o porquê desta situação e a via que a ela conduz: a relação entre o discurso pronunciado e a recepção por parte do Auditório ausente, ou seja, o público de telespectadores/ eleitores. Todas as "mensagens" dirigidas directamente ao adversário, que parece pouco provável convencer, são portadoras de outras, laterais, que visam o Público (Auditório ausente) e pretendem suscitar junto deste um efeito perlocutório.

Porque o discurso existe, se constitui e é concebido em função do Auditório, da sua compreensão e da sua "resposta", a palavra pronunciada por cada participante é susceptível de uma leitura tripla e em estreita dependência do posicionamento ideológico/ político do receptor. Assim, se este tem afinidades com o quadrante político do locutor, o discurso é "lido" com agrado e a concordância é óbvia. Se, pelo contrário, a posição política do receptor o situa em campo oposto, então a leitura feita do mesmo discurso é diametralmente oposta. Com efeito, aquilo que pelo primeiro é considerado intervenção justa e adequada, pode ser "lido" pelo segundo como prova de hipocrisia. O que o primeiro considera, por exemplo, ironia adequada, pode ser para o segundo manifestação de má fé. No que um vê espírito combativo, por exemplo interrupções constantes, o outro verá, ao contrário, incorrecção.

Estas duas posições políticas estão, pois, na origem do *renversement* característica do discurso político mediante o qual, no dizer de Eliséo Véron, "um discurso se transforma no seu contrário na leitura que o Outro dele faz".

Para o receptor que pertence ao mesmo universo político do locutor, e que, portanto, se sente englobado no "Nós" que este profere, o discurso pronunciado assume apenas função de reforço e o seu efeito final não é significativo. O imaginário a que pertence encontra-se, com efeito, estruturado e não é facilmente alterável.

Se o receptor se situa num outro universo político - "Eles / os Outros" - o mesmo discurso é considerado polémico e, a partida, objecto de discordância. A semelhança do anterior, e porque, como este, se insere num imaginário já estruturado, o seu efeito final também não tem consequências.

Há, todavia, ainda a considerar a terceira possibilidade quanto à recepção do mesmo discurso. Paradoxalmente, porque é minoritária na sociedade actual em que o confronto político cada vez mais toma a forma de uma luta entre dois colectivos de peso mais ou menos equivalente, é esta terceira recepção que pode vir a influenciar o resultado final da eleição. O que está em causa é a leitura feita pelos indecisos, aqueles que estão fora do jogo, os que recusam adoptar qualquer um dos conjuntos de premissas que se defrontam no debate. É junto deles que o discurso assume uma função persuasiva e, como tal, a sua leitura e a "resposta" que dela decorre, expressa sob a forma de voto, fará pender o fiel da balança para o lado que tiver sido mais sedutor e melhor tenha convencido.

2. Polifonia enunciativa

Ao considerar este aspecto do "encontro" com a palavra do Outro partimos da noção de polifonia enunciativa introduzida por Bakhtine para designar a presença de vozes diferentes numa mesma enunciação.

A cada locutor correspondem, no discurso político, dois enunciadores - o indivíduo e o representante do Partido Político. Verifica-se que as trocas/ réplicas não se constroem unicamente a partir das intervenções imediatas e que se pretendem espontâneas, mas também a partir de outros discursos, enunciados noutras circunstâncias, difundidos, e, na maior parte dos casos, fazendo parte do universo de conhecimentos que os candidatos partilham com o Auditório, presente e ausente.

O discurso de cada locutor/ enunciador revela pois uma alteridade que se deixa entrever nas marcas que o seu EU individual inconscientemente introduz e nas que o seu EU político (papel social) conscientemente também aí deixa. O EU e o OUTRO, que é também EU, avaliam-se, completam-se e agem pela palavra junto do público alvo.

Essa vontade de agir leva também a que outras vozes, diferentes da sua própria, devido a fenómenos de implícitos culturais e de intertextualidade, sejam retomadas e integradas no discurso. Segundo Authier-Revuz trata-se de uma heterogeneidade que se revela em todos os jogos conscientes

ou inconscientes pelos quais o indivíduo inclui a palavra dos outros no seio da sua própria - "un ensemble de formes que j'ai appelé formes de *l'hétérogénéité montrée* en ce qu'elles inscrivent de l'autre dans le fil du discours"

Anteriormente proferidas por outros locutores, elas inserem-se nas trocas verbais que os candidatos Freitas do Amaral/ Mário Soares e Mário Soares/ Basílio Horta efectuam entre si e são o testemunho de outras presenças

A título de exemplo diremos que vemos desfilar no discurso de M. Soares, proferido em 1986, a palavra de Cavaco Silva, Maria de Lurdes Pintasilgo, Melo Antunes, Fernando Amaral, Vera Lagoa. Pelo discurso de Freitas do Amaral chegam a nós Cavaco Silva, Spínola, Salgado Zenha, F. Mitterrand.

À semelhança de 1986, também os candidatos de 91 "deram voz" a outras vozes. É assim, e ainda a título de exemplo, que Catão, Marcelo Caetano, Vasco Gonçalves, Rui Mateus, Palma Carlos, Raul Rego, J. Chissano "existem" no discurso de M. Soares e Freitas do Amaral, Vitorino Magalhães Godinho, Melancia, Strecht Ribeiro, Menano, Palma Carlos se fazem ouvir através de B. Horta.

Daremos como exemplo desta polifonia enunciativa os seguintes excertos que retomamos do debate de 1991:

- 231 MS [...] se o PSD diz *nós temos alguns problemas evidentemente não somos socialistas mas achamos que esse senhor cumpriu o seu dever deixou-nos trabalhar que este senhor funcionou como devia*
- 762 BH [...] eu... com franqueza isso denota como que razão tem o Professor Vitorino Magalhães Godinho quando se referia a si e dizia assim *o Doutor Mário o Mário é um homem que aprende as coisas entre dois avôes e depois não tem nenhuma ideia consistente sobre nada* [...]
- 1045 MS [...] Galvão de Melo levantar a voz no parlamento e dizer *se há alguém que não tem culpas da descolonização é o Doutor Mário Soares*
- 1114 BH [...] e o Doutor Palma Carlos *eu não sou traidor saiu do governo e o Senhor Doutor ficou*

É óbvio que as condições socio-políticas em que se realizaram as eleições presidenciais determinaram a polifonia enunciativa existente em cada debate. A multiplicidade, variedade e não coincidência de "vozes" nas duas eleições são disso testemunho.

Não podemos todavia deixar de notar que algo de estável existe, a este respeito, no discurso dos quatro participantes. Salazar, A. Cunhal e Sá Carneiro são por eles citados, e curiosamente com frequência aproximada. São estas as únicas vozes que, a nosso ver muito significativamente, nenhum dos intervenientes se dispensa de retomar.

3. O conceito de diafonia

O facto de abordarmos o conceito de diafonia independentemente do de polifonia, com o qual apresenta afinidades, prende-se com a concepção de "estrutura diafónica" apresentada por Eddy Roulet. Este linguista considera, com efeito, estrutura diafónica aquela em que o enunciador retoma e reinterpreta no seu próprio discurso a palavra do co-enunciador para obter um melhor encadeamento. O sujeito-enunciador não é pois, de acordo com o exposto, fonte única das suas próprias produções. Como co-actor integra o OUTRO na sua própria palavra tomando-o deste modo co-enunciador e co-responsável da construção de um espaço interactivo no qual se definem posicionamentos que se manifestam ao nível do sentido e da relação de "places" ("hierarquia que se constrói entre os interlocutores no decurso da interacção" segundo C. Kerbrat-Orecchioni) e de "faces" (no sentido que lhes é atribuído por Brown & Levinson, que distinguem uma "face negativa", o território do EU, e uma "face positiva", imagens valorizantes que, de si próprio, todo o locutor tenta construir no decurso da interacção). Estes posicionamentos dão lugar a constantes negociações e o discurso perde homogeneidade no que diz respeito às instâncias enunciativas tomando-se veículo de uma heterogeneidade que se manifesta também nos processos conscientes ou inconscientes que usa para incluir a palavra do Outro na sua própria.

A citação, a repetição, a refutação/ negação são os processos linguísticos a que nos referiremos de maneira muito breve para ilustrar o que acabamos de expor

A CITAÇÃO

Na maior parte dos casos o retomar do discurso anterior do Outro não é neutro nem inocente. Com efeito o "discurso citado" suscita desde logo a questão do sentido do próprio acto da citação que é, porque o enunciador aí deixa a sua marca, muito mais ambíguo que o do fragmento citado, transparente em geral.

No discurso polémico, e é este o caso do discurso eleitoral, não se retoma para beneficiar. A estratégia do enunciador consiste em retomar para "mostrar a outrem" e mostrar sobretudo contradições. O verdadeiro destinatário de um discurso de que o enunciador não toma a responsabilidade é o público opaco de telespectadores e não o co-enunciador que se vê assim colocado em posição de assertor e de assertor que é posto em causa pelo seu próprio discurso. Recuperado pelo Outro, incluído num novo sistema significante, este discurso, que lhe não pertence, é manipulado pelo enunciador em seu próprio proveito. A estratégia da citação é pois, neste tipo de interacção verbal, ambivalente: qualifica o enunciador que retoma um discurso alheio e desqualifica o assertor, fonte da qual emanou.

Vejamos, a título de exemplo, o que se passa relativamente ao excerto seguinte transcrito do debate eleitoral de 1991 em que M. Soares relembra a B. Horta afirmações por este feitas a seu respeito, censurando-o de maneira implícita pelo facto de defender posições contraditórias, e por isso mesmo incoerentes, relativamente a outras assumidas no passado.

- 84 MS [...] o Senhor Doutor dizia ainda há pouco tempo dizia por exemplo a... o seguinte o *Presidente da República tem desempenhado o seu mandato sem percalços com grande sentido de equilíbrio e coragem quando foi necessário assumir posições lembra o caso dos Açores e outros assumiu-as com muita dignidade.*
- 98 MS [...] *considero a actuação do Doutor Mário Soares como Presidente da República globalmente positiva não há qualquer dívida sobre isto [...]*
- 100 MS [...] e depois disse mais *Mário Soares tem um prestígio internacional muito grande pode facilitar a solução qualquer solução mais útil para o caso de Timor*

108 MS [...] dizia assim *o Doutor Mário Soares está a exercer o seu mandato com o apoio de mais de dois terços... do eleitorado* oiça... oiça... ah!... ah!... ah!... Senhor Doutor! *não se verifica... oiça... oiça... não se verificam de momento razões ou imperativos nacionais que constituem com essa força?*

O enunciador - M. Soares - introduz pois, no dizer de D. Maingueneau, uma "citation relique", fragmento de discurso verdadeiro, autêntico, conferindo-lhe o estatuto de autenticação do seu próprio discurso. Esta citação é simultaneamente uma "citation preuve", ainda segundo o mesmo autor, porque o enunciador a usa no seio da sua própria argumentação, em Discurso Directo, para refutar a palavra do co-enunciador - B. Horta - e defender, com as palavras deste, a sua própria posição. Neste caso é o co-enunciador, aquele a quem cabe a responsabilidade da actualização primeira, que se vê posto em causa.

O discurso citado, introduzido pelo verbo dizer (que denota a actividade verbal propriamente dita) na 3ª pessoa do Imperfeito do Indicativo, por uma indicação explícita do enunciador - "o senhor" - (que na interlocução é designação do co-enunciador), por uma "clause" metadiscursiva - "dizia ainda há pouco tempo" -, este discurso, dizíamos, está ligado a uma situação anterior à interacção, distanciada no tempo. É curioso verificar a este respeito que a distância se vai esbatendo até quase à actualidade do debate implicando deste modo ainda mais o co-enunciador e acentuando a distância actancial do enunciador em relação aquilo que diz.

84 MS [...] o Senhor Doutor dizia ainda há pouco tempo dizia [...]
 92 MS [...] o Senhor Doutor disse isso precisamente na Antena Um em Dezembro de 1987
 93 BH sim... sim... em dezembro de 86...
 96 MS mas depois disse em Janeiro de 88 já agora um ano depois disse
 102 MS disse isso em março de 88
 104 MS e depois em 3 de março de 1990
 106 MS 90 portanto já estamos... muito próximos

O recurso a palavras anteriormente proferidas por qualquer um dos candidatos é deste modo pretexto para assegurar a distância e manifestar desacordo, inserindo-se numa estratégia

argumentativa na qual assume particular relevo a refutação, que, muitas vezes atinge mesmo a própria citação.

Continuando a referir-nos aos excertos transcritos, na tentativa de "salvar a face", o assertor, B. Horta, em situação difícil pois se sente posto em causa pela incoerência denunciada por M Soares, tenta, *in extremis*, uma forma de desqualificação do discurso do enunciador citante, solicitando a M. Soares uma maior explicitação no que se refere a factos, fontes e datas. Face à explicitação de M. Soares, B. Horta atribui culpas a "sondagens" (sem indicação de fonte) e, finalmente confessa um "engano" (que melhor se pode identificar e interpretar recorrendo ao seu comportamento não-verbal).

- 89 BH oh Senhor Doutor onde é que eu disse isso e quando? onde é que eu disse isso e quando?
- 91 BH onde e quando?
- 93 BH sim... sim... em Dezembro de 86...
- 95 BH Dezembro de 86
- 101 BH pois... pois...
- 109 BH é verdade Senhor Doutor as sondagens diziam
- 111 BH o Senhor Doutor enganou cinco milhões de portugueses não me engana a mim! por amor de Deus Senhor Doutor

Com objectivo idêntico ao de M. Soares também B. Horta cita as palavras deste. Falar com as palavras do Outro é um meio eficaz para o desacreditar. E, desta vez, a citação é pretexto para um comentário pessoal que nos dispensamos de... comentar. A postura e as palavras são, por si, eloquentes.

- 1094 BH olhe o Senhor Doutor dizia isto *se o Doutor Sá Carneiro tivesse um mínimo de honrabilidade democrática deveria para bem dele próprio demitir-se de primeiro ministro em primeiro lugar perdeu a maioria em segundo lugar está acusado de actos de graves irregularidades* dizia o senhor como hoje me acusou a mim! a ele também

- 1101 BH ... deixe-me acabar *em terceiro lugar tem demonstrado que o seu governo não tem o mínimo de isenção para presidir a eleições dignas e livres* [...]
- 1103 BH [...] o Senhor Doutor [...] dá-lhe a Ordem da Liberdade em vésperas eleitorais... [...]

No que se refere à produção verbal, B. Horta usa a mesma estratégia discursiva, isto é, inclui palavras anteriormente pronunciadas por M. Soares - em DD - no seu próprio discurso a fim de desqualificar o co-enunciador. Com o debate já adiantado, esta citação nada tem de inocente, sabido como é que Sá Carneiro se tornou ponto de referência obrigatória de políticos de todos os quadrantes. O conteúdo da citação fala por si como fala também o próprio acto que a dita e o tempo em que é feita

A REPETIÇÃO

Este processo consiste em reproduzir fielmente e integrar no próprio discurso sequências discursivas anteriormente formuladas pelo Outro. De acordo com a terminologia proposta por E. Roulet, a repetição pode assumir, no que diz respeito às estruturas diafónicas, vários aspectos dos quais destacaremos a **reiteração** e a **repetição codificada** por nos parecer serem os mais pertinentes relativamente à interacção verbal em causa.

Vejamos o que se passa no discurso eleitoral, referindo uma vez mais o debate de 1991 :

o tipo de repetição mais frequentemente usado pelos participantes é o segundo - **repetição codificada** e regista-se de modo geral em pares adjacentes

- | | | | |
|----|-----|----|--|
| I | 24 | BH | ... mas <i>o debate é entre nós os dois</i> não é Senhor Doutor? |
| | 25 | MS | com certeza que <i>o debate é entre nós os dois</i> |
| | 27 | BH | não isso é evidente que <i>o debate é</i> |
| | 28 | BH | com certeza... muito obrigado |
| | 29 | MS | connosco... <i>é entre nós os dois</i> [...] |
| II | 133 | BH | isso é uma <i>sopa de pedra</i> ... |
| | 134 | MS | se me dá licença vamos ver isso vamos já falar da <i>sopa de pedra</i> ... |

- III | 135 MC Senhor Doutor não perca por favor o estímulo da falta de protagonismo
 | 136 MS não não perco não vamos a falta de protagonismo
- | 186 BH o Senhor Doutor põe um ar muito *paternalista* . eu sei isso tudo Senhor Doutor
 IV | agradeço lhe muito mas eu conheço isso
- | 187 MS não estou nada *paternalista* Doutor Basílio pelo contrário [.]
- V | 272 BH oh Senhor Doutor eu *ouvi* um
 | 273 MS *ouviu* muito mal
- VI | 274 BH candidato que não tem projecto [.]
 | 275 MS *ouviu muito* mal nunca disse isso .

Com efeito a repetição de seqüências discursivas é normalmente precedida ou seguida de um elemento que introduz e denuncia a diferença na semelhança. É o caso dos elementos seguintes que retiramos dos exemplos transcritos.

com certeza

isso é evidente é connosco

se me dá licença vamos ver isso

pelo contrário

muito mal

São segmentos que indiciam enunciações e intenções diferentes dentro de uma função ideal dominante que consiste em assegurar a compreensão.

a **reiteração** verifica-se quase sempre em relação ao próprio discurso com a intenção de enfatizar o que é dito embora algumas vezes se repitam as palavras do co-enunciador para lhes negar credibilidade. É o que acontece na troca verbal que transcrevemos

803 MS é uma *campanha baixa* que não é o estilo

- 804 BH *campanha baixa* é o que o Senhor Doutor agora fez com o caso das bananas isso é que é baixo! [...]
- 805 MS não oh Senhor Doutor! por amor de Deus por amor de Deus...
- 806 BH isso é que nem é *campanha* é uma é uma coisa baixíssima!

Na realidade os enunciadores repetem com grande frequência as suas próprias palavras e menos frequentemente fazem a repetição iterativa do Outro. É contudo óbvio que, inserindo-se neste tipo de interacção, o retomar do próprio discurso tem, para além da função assinalada, o objectivo de "atingir" o co-enunciador e de o perturbar. Esta perturbação lê-se nas hesitações, nas repetições silábicas ou de palavras, nas rupturas da estrutura frásica, nas substituições de programas de frase e em todos os fenómenos que de maneira geral se designam de "ratages du discours" e de que o excerto seguinte é apenas um dos inúmeros exemplos que o debate de 91 actualiza.

- 415 MS eu é que lhe pergunto quais são as suas ideias se lhe tirarem os ataques que o senhor me
- 416 BH oh Senhor Doutor sempre foram sempre foram...
- 417 MS tem feito fica... zero o Senhor Doutor diz que o senhor
- 418 BH oh Senhor Doutor! oh Senhor Doutor! ah ah ah... não
- 419 MS Doutor diz que tem uma clientela que vai que se dirige ao centro direita eu dá-me... eu dá-me a ideia...
- 420 BH diga isso não diga isso não é clientela é eleitorado eleitorado eleitorado o Senhor Doutor já está deformado eleitorado não clientela Senhor Doutor...
- 421 MS *eu dá-me ... eu dá-me a ideia dá-*
- 422 BH não é clientela Doutor Mário Soares não é clientela...
- 423 MS - me a ideia senhor... eu... eu... eu sei... é... os termos... sei... sei os termos que estou a empregar...
- 424 BH *já... já... já está deformado!... não é?...*
- 425 MS e os termos que estou a empregar Senhor Doutor...
- 426 BH Tenha cuidado Senhor Doutor... tenha cuidado tenha cuidado... tenha cuidado...
- 427 MS Não não preciso de ter cuidado [...]

604 BH oh Senhor Doutor não não..

605 MS o senhor faz favor que é o... que é o... que é o... o med... que é o mediador...

Este retomar, no debate eleitoral, assegura coerência discursiva e temática a uma interacção verbal em que a actividade predominante consiste em contradizer o interlocutor. Daí o uso e abuso da refutação, estreitamente associada à repetição e à negação.

A REFUTAÇÃO / NEGAÇÃO

A refutação é um acto reactivo que procede da argumentação e que consiste em contradizer um argumento do Outro. Efectivamente a refutação insere-se num movimento argumentativo que tem como finalidade demonstrar que algo não é verdadeiro. O enunciador, ao argumentar, exprime uma convicção e tenta explicá-la ao Outro (o co-enunciador) a fim de o persuadir e, deste modo, modificar o seu comportamento. Pretendendo-se com ela ganhar a confiança do Auditório pela demonstração da falsidade de uma tese, o acto que a actualiza é necessariamente precedido de um outro cujo conteúdo é posto em causa e avaliado em termos de verdadeiro ou falso.

No fundo, dada a situação de debate e o objectivo que cada participante tem em mente, o que é julgado é menos o conteúdo em si do que o indivíduo que o enunciou. O princípio norteador persiste: adaptar ao Auditório e argumentar em função dele. A estratégia é pois sempre a mesma: qualificar/desqualificando.

Com efeito a refutação implica o reconhecimento da *força* do Outro e, implicitamente, a necessidade de auto-afirmação. Essa auto-afirmação passa, paradoxalmente, muitas vezes, pela reprodução do argumento do adversário, pela referência a palavras suas, anteriormente proferidas, como exemplificamos, e até por referências a comportamentos pessoais. A segurança ou insegurança demonstradas pelo Outro tanto ao nível do verbal como do não-verbal, sobretudo se "denunciadas" no momento, revelam-se também meios eficazes para avaliar do poder de argumentação de cada um.

No debate de 1991 B. Horta chega mesmo a verbalizar o estado de espírito de M. Soares como se verifica nos excertos que transcrevermos e que são tão explícitos pelo seu conteúdo linguístico como pelo que as atitudes e posturas deixam entrever:

- 434 BH oh Senhor Doutor... mas *não se irrite... não se irrite!* [...]
- 435 MS nem... não me estou nada a irritar Senhor Doutor [...]
- 603 MS desculpe mas não me interrompa! volto a dizer-lhe
- 604 BH oh Senhor Doutor não não...
- 605 MS o senhor faz favor que é o... que é o... que é o... o med... que é o mediador...
- 606 BH Senhor Doutor *não se zangue!*...
- 607 MS não .. não .. me estou na...
- 608 BH *o Senhor Doutor está muito zangado!*
- 609 MC Senhor Doutor... Senhor Doutor...
- 610 MS não estou nada zangado...
- 611 MC Senhor Doutor Bastlio Horta por favor...
- 612 MS o Senhor Doutor fez espalhar que eu estava zangado eu não estou nada zangado e queria...
- 613 BH parece que está bom...
- 614 MS queria por força irritar-me... não consegue Senhor Doutor eu estou com muito boa disposição
- 615 BH *não não estou a irritá-lo* Senhor Doutor

M Soares, pretendendo destruir o efeito conseguido pelo adversário, apressa-se a desmentir-lo. Desmentir implica obviamente negar, daí decorrendo o uso de meios linguísticos que permitem realizar o acto. As trocas verbais (dado que não abordaremos os comportamentos não-verbais) entre os dois participantes inserem-se pois na estratégia global de recusa / refutação / negação.

Há, aliás, neste debate ainda mais negações do que refutações o que é natural se considerarmos que a negação é, não apenas um meio que a língua põe ao nosso dispor para exprimir uma asserção negativa, mas também um processo de que o locutor se serve para argumentar.

O que verdadeiramente acontece no debate eleitoral de 1991 é a constante negação do discurso do Outro e daí o uso abundante de palavras e de estruturas negativas de que os momentos seguintes dão testemunho

- I
- 191 MS e então no essencial eu digo-lhe assim eu todas as semanas trabalho com o Senhor Primeiro Ministro o que eu digo ao Senhor Primeiro Ministro o senhor não sabe... nem o país precisa saber...
- 192 BH ah precisa sim Senhor Doutor... desculpe
- 193 MS não está enganado... está enganado
- 194 BH então não precisa? oh Senhor Doutor Mário Soares!...
- 195 MS não... está enganado porque se ele... se... porque se eu
- 196 BH claro que precisa
- 197 MS vier dizer ao Senhor Primeiro Ministro em cada
- 198 BH claro que precisa saber
- 998 BH depois do desastre da descolonização...
- 999 MS e quando eu venho... já está outra vez a falar... e quando eu venho e quando eu venho do vinte e cinco de Abril depois do vinte e cinco de Abril e quando eu começo a tentar parar a guerra porque havia manifestações em Lisboa
- 1000 BH de braço dado com Cunhal
- 1001 MS sim sim
- 1002 BH de braço dado com Cunhal...
- 1003 MS mas não estava lá o Senhor Doutor na altura!
- II 1004 BH estava preso num congresso no Porto
- 1005 MS não estava preso!...
- 1006 BH preso e o senhor no governo e eu a defender a liberdade...
- 1007 MS não! não!
- 1016 BH eu sei o Senhor Doutor estava no governo! .
- 1017 MS ah! eu não estava no governo estava em casa
- 1018 BH m estava em casa ah! ah! ah!
- 1019 MS bem.
- 1020 BH o Senhor Doutor quando está em casa não está no governo!? já percebi! ah!
ah!

Mário Soares e Basílio Horta desenvolvem assim uma estratégia discursiva de persuasão/ sedução na qual a negação desempenha papel de relevo pois, dado que o enunciado negativo exprime a não realização de um acontecimento, ambos os intervenientes a usam como arma para fazer "oscilar" possíveis certezas.

O funcionamento da língua reflecte a este respeito particularmente bem o efeito do "duelo cavaleiresco" entre os dois candidatos.

Ainda que incompleta, a análise feita revela, a nosso ver, uma presença acentuada de elementos linguísticos e discursivos que veiculam divergência. Com efeito, as formas de cooperação diluem-se sob as que traduzem competitividade. Dai decorre o carácter fortemente agonal desta interacção verbal discordante em que não há busca de consenso na criação de um espaço de intercompreensão. Cada participante esteve com efeito no debate eleitoral em primeiro lugar por si próprio limitando-se a contradizer o Outro. Foi muito mais fácil atacar do que impor uma tese contrária. Foi mais fácil defender-se contra-atacando do que argumentar a favor da própria tese. O encontro da palavra foi pois aqui desencontro. Basílio Horta franqueou, no debate eleitoral de 91, a porta que o levou ao desaparecimento da cena política e, por conseguinte, ao esquecimento. O "duelo" foi, efectivamente, de morte.